

“QUERIDO DIÁRIO...”: ATIVIDADES DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NO CAMPUS SANTA RITA/IFPB

André Luiz Souza-Silva¹

RESUMO

Neste artigo apresento a sistematização de atividades realizadas no Campus Santa Rita/IFPB durante a Semana da Consciência Negra de 2024, com foco na promoção de uma educação antirracista. Para isso, descrevo um quadro propositivo das ações desenvolvidas nos cursos técnicos de Informática e Meio Ambiente, integrados ao ensino médio. Para o artigo em tela, adoto uma abordagem qualitativa, baseada em um método propositivo, inspirado em um diário que sistematiza minhas vivências de modo particular, e o estrutura a partir de três eixos: (1) relato de experiência em sala de aula, (2) descrição de oficinas voltadas para a integração do eixo étnico-racial no currículo e (3) reflexões sobre as atividades artístico-culturais promovidas ao longo da semana do dia 20 de novembro. A fundamentação teórica se baseia na linguística aplicada INdisciplinar (Moita Lopes, 2006, 2013) e no letramento racial crítico (Ferreira, 2019). Os resultados indicam que as atividades contribuíram para uma prática pedagógica, artística, cultural e social de caráter antirracista, impactando o currículo dos estudantes de maneira significativa.

Palavras-chave: Consciência Negra, Diário, Antirracismo, Campus Santa Rita, IFPB

INTRODUÇÃO

Durante a Semana da Consciência Negra de 2024, desenvolvi no Campus Santa Rita do IFPB, na região metropolitana de João Pessoa, atividades voltadas para a promoção de uma educação antirracista com turmas do ensino médio integrado, nos cursos técnicos de Informática e Meio Ambiente, do primeiro ao terceiro ano. Esse contexto, marcado pela valorização do dia 20 de novembro como data de memória e resistência, motivou-me a registrar e refletir sobre as práticas realizadas, tendo como ponto de partida a pergunta: de que maneira ações pedagógicas em torno da Semana da Consciência Negra podem contribuir para a formação crítica dos estudantes e para o fortalecimento de uma prática docente comprometida com a justiça social?

O objetivo deste artigo é sistematizar essas ações, organizando-as em um quadro reflexivo e propositivo que evidencia como o trabalho em sala de aula, as oficinas e as atividades artístico-culturais dialogaram com a temática étnico-racial. Justifico esta escolha pela relevância social do tema, já que a escola tem papel essencial no enfrentamento ao racismo estrutural, e pela contribuição pedagógica de divulgar práticas

¹ Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING/UFPB, e Professor Substituto de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal da Paraíba – Campus Santa Rita/IFPB, andreluiz.bans@gmail.com



exitosas que podem inspirar outros professores. Além disso, considero a relevância científica do estudo, por reforçar as proposições da Linguística Aplicada como campo de investigação INdisciplinar e comprometido com problemas reais, e a relevância acadêmica, por oportunizar o debate sobre a formação inicial de professores. Trata-se também de um exercício pessoal de autoavaliação, pois coloco em discussão minha própria formação e minha práxis como professor de Língua Portuguesa.

Teoricamente, baseio-me na Linguística Aplicada INdisciplinar (Moita Lopes, 2006, 2013), que compreende a linguagem como prática social e busca romper com fronteiras rígidas entre disciplinas, e no letramento racial crítico (Ferreira, 2019), que entende o letramento para além do domínio de códigos linguísticos, enfatizando sua dimensão política, social e cultural. Essas perspectivas permitem analisar a experiência vivida em sala de aula de modo a evidenciar tanto seus impactos curriculares quanto sua potência transformadora no campo educacional.

No que se refere à metodologia, adoto uma abordagem qualitativa, utilizando a noção de “diário” como método de registro, reflexão e debate sobre minha prática docente. Esse recurso me possibilitou narrar e analisar as atividades em primeira pessoa, destacando percepções, desafios e aprendizagens. Associo a esse procedimento um método descritivo, voltado para a apresentação sistemática do contexto pedagógico em que as práticas ocorreram: o Campus Santa Rita do IFPB, os cursos técnicos de Informática e Meio Ambiente, e as turmas de primeiro a terceiro ano, na Semana da Consciência Negra de 2024.

METODOLOGIA

Adoto uma metodologia qualitativa, de caráter propositivo, fundamentada na perspectiva da pesquisa-ação, por meio da qual me reconheço como pesquisador da minha própria prática. Parto do entendimento de que o ensino e a aprendizagem constituem um processo essencialmente interacional, no qual toda ação pedagógica é também uma ação responsiva (Bortoni-Ricardo, 2008). Assim, compreendo que cada gesto, fala ou intervenção que realizo em sala de aula se configura como resposta às manifestações e necessidades dos estudantes, reafirmando a indissociabilidade entre ensinar e aprender e concebendo o espaço escolar como um ambiente de construção compartilhada.

Ser professor-pesquisador, conforme propõe Bortoni-Ricardo (2008), significa ir além do papel de usuário do conhecimento produzido pela academia, assumindo-me como sujeito ativo na produção de saberes sobre a minha própria profissão. Nesse sentido,



esta pesquisa nasce do meu fazer pedagógico e tem como propósito refletir criticamente sobre ele, buscando evidenciar tanto os desafios e dilemas enfrentados quanto os avanços e conquistas que emergem da prática docente cotidiana. Essa postura se aproxima do que defende Paiva (2019), ao afirmar que a pesquisa não se restringe à resolução imediata de problemas, mas se constitui, sobretudo, como um processo de compreensão e aprimoramento da realidade na qual o pesquisador está inserido.

Dessa forma, insiro este relato de experiência no campo da Linguística Aplicada, articulando a descrição e a análise interpretativa das ações desenvolvidas em sala de aula como dimensões complementares de um mesmo método. Esse método, de natureza propositiva, permite-me recolher informações, sistematizar práticas e elaborar teorização a partir da minha vivência pedagógica, consolidando um olhar crítico e reflexivo sobre o cotidiano educativo.

As atividades analisadas neste relato ocorreram durante a Semana da Consciência Negra de 2024, especificamente entre os dias 18 e 22 de novembro, correspondentes aos dias úteis de segunda a sexta-feira daquela semana. O evento foi realizado no Campus Santa Rita do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), localizado no município de Santa Rita, que integra a região metropolitana de João Pessoa, capital do estado.

O campus caracteriza-se por uma atuação significativa na educação pública da região, atendendo estudantes de diferentes cidades circunvizinhas. No período em que se desenvolveram as ações, o campus ofertava dois cursos técnicos integrados ao ensino médio — Meio Ambiente e Informática —, que, juntos, atendiam a cerca de 400 adolescentes, distribuídos entre o primeiro e o terceiro ano. Além desses cursos, a instituição também mantinha o curso superior de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) e, ocasionalmente, ofertava cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), funcionando nos três turnos: manhã, tarde e noite. Atuei nesse contexto como professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira nos cursos técnicos integrados e, simultaneamente, como docente da disciplina Português Instrumental II no curso de ADS.

Aqui, teço as reflexões em formato de um “diário acadêmico”, compreendendo que, embora esse gênero textual/discursivo possua um caráter predominantemente íntimo, ele permite registrar experiências, pensamentos e sentimentos que atravessam a prática docente e a pesquisa. Contudo, ao acrescentar o adjetivo acadêmico, busco evidenciar a intenção de articular essas vivências pessoais aos princípios do fazer científico. Assim, procuro alinhar o relato a fundamentos teóricos e metodológicos que o situem como uma produção sistematizada, ainda que atravessada por subjetividades (Souza-Silva, 2023).



O primeiro eixo reúne as reflexões e descrições das ações realizadas por mim em sala de aula, com as turmas do ensino médio integrado. Na primeira série, propus aos alunos uma produção visual, com foco na linguagem não verbal, inspirada em poemas e letras de canções de temática afro-brasileira. O objetivo foi valorizar a autoria negra e a produção cultural brasileira, articulando literatura, música e artes visuais como formas de expressão identitária e resistência. Nas segundas séries, os estudantes desenvolveram posts para o Instagram, destinados à divulgação da vida e da obra de autores e autoras afro-brasileiros, promovendo a visibilidade dessas vozes por meio de uma linguagem midiática próxima do universo juvenil. Já nas terceiras séries, o trabalho culminou na produção de um jornal e de uma revista temáticos, ambos voltados à reflexão sobre a presença e a representação da população negra na sociedade e na cultura brasileira.

O segundo eixo diz respeito à apresentação das oficinas multidisciplinar, propostas para as disciplinas da formação geral e da formação técnica dos cursos de Meio Ambiente e Informática e que integraram a programação da semana, promovendo o diálogo entre diferentes campos do saber em torno da temática étnico-racial.

Por fim, o terceiro eixo contempla a exposição de fotografias e apresentações artístico-culturais realizadas no campus. As fotografias destacaram a figura de uma mulher negra emblemática do município de Santa Rita, reconhecida como líder religiosa de terreiro, que foi retratada por fotógrafos locais. Além disso, ocorreram apresentações teatrais e de dança com a participação de grupos artísticos locais, o que ampliou o envolvimento da comunidade com o evento e reforçou o compromisso do campus com a valorização da cultura afro-brasileira em suas múltiplas expressões.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao refletir sobre o papel do letramento racial crítico na formação de professoras e professores, parto do entendimento de que essa perspectiva é fundamental para pensar uma prática pedagógica comprometida com a transformação social. Em entrevista, a professora Aparecida Ferreira (2019) aponta que o letramento racial crítico oportuniza refletir sobre raça e racismo, e nossa autopercepção sobre como raça e racismo são tratados no nosso cotidiano, e a forma esse marcador e essa violência impactam nossas identidades e nossas vidas: profissional, educacional, familiar e social.

Essa autora reforça que a formação docente deve incluir a reflexão crítica sobre as questões raciais presentes em sala de aula, pois esse movimento permite “que a aluna



e o aluno se vejam representados em vários contextos” (Ferreira, 2019, p. 125). Assim, ao incorporar o letramento racial crítico à prática pedagógica, reconheço a importância de produzir uma educação antirracista e emancipatória voltada à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e equitativa. Essa compreensão se aproxima da pedagogia libertadora e multicultural proposta por bell hooks (2017) ao se inspirar em Paulo Freire, para defender uma educação transformadora e engajada:

O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito [...] Quando nós, como educadores, deixamos que a nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem (hooks, 2017, p. 63).

A partir dessa concepção, percebo que uma prática pedagógica crítica deve ir além da simples transmissão de conteúdos: trata-se de reconhecer a pluralidade de vozes e experiências que compõem o espaço escolar e de romper com epistemologias excludentes. Nesse mesmo sentido, Lélia Gonzalez (2020) propõe uma leitura histórica e política das relações raciais no Brasil e nos convida a refletir sob a ótica do(s) Movimento(s) Negro(s):

Para o Movimento Negro, o momento é muito mais de reflexão do que celebração. Reflexão porque o texto da lei de 13 de maio de 1888 (conhecido como Lei Áurea) simplesmente declarou como abolida a escravidão, revogando todas as disposições contrárias e... nada mais. Para nós, mulheres negras e homens negros, nossa luta pela liberdade começou muito antes desse ato de formalidade jurídica e se estende até hoje (Gonzalez, 2020, p. 39).

Esse ponto evidencia a necessidade de revisitar criticamente a história e suas narrativas oficiais, compreendendo que a luta antirracista também atravessa as práticas educativas e deve estar presente nas políticas de formação docente. Conforme Rajagopalan (2003), a pedagogia crítica nasce das inquietações reais vividas em sala de aula, as quais refletem as contradições sociais fora dela. Dito isso, o autor reforça que não se trata de um espaço formativo no seu sentido tradicional, mas como um autêntico espelho das contradições e tensões que marcam a realidade que se verifica fora da escola (Rajagopalan, 2003).

Assim, compreendo que o primeiro compromisso de um educador crítico é com a comunidade que o cerca, reconhecendo o caráter político e transformador do ato de ensinar. Junto a isso, Moita Lopes (2006) aprofunda essa visão ao questionar a



possibilidade de criar inteligibilidade sobre a vida contemporânea e, ao mesmo tempo, abrir alternativas sociais baseadas nas vozes marginalizadas, logo, como podemos criar

[...] inteligibilidade sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem, os pobres, os favelados, os negros, os indígenas [...] ainda que eu os entenda como amálgamas identitários e não de forma essencializada? (Moita Lopes, 2006, p. 86).

Nessa perspectiva, compreendo que a Linguística Aplicada (LA) — especialmente em sua vertente crítica — bem como Moita Lopes, assume um papel ético e político, comprometido com a renarração da vida social e com a busca por novas formas de compreender a realidade contemporânea. Esse autor reforça que, ao empreender pesquisas no campo da LA, é preciso reconhecer a dimensão política e transformadora dessa prática. Segundo Moita Lopes (2013, p. 232), “hoje há uma tendência cada vez maior de compreender nossas sociabilidades de classe social, raça, idade, gênero, sexualidade etc. como móveis, transitórias, fragmentadas e principalmente performativas.” Com isso, ele ressalta que o pesquisador, e eu adiciono o “professor”, não são neutros: participam ativamente da construção de sentidos e da transformação social.

Por fim, Bezerra (2023) reforça essa concepção ao afirmar que a LA no Brasil tem o ensino e a aprendizagem de línguas como tema central, o que abre espaço para refletir sobre a formação docente nas e para com as diferenças. Essa perspectiva visa potencializar as experiências docentes e promover práticas pedagógicas livres de qualquer forma de discriminação — especialmente de gênero, sexualidade, raça e etnia. E, o autor destaca: “Sigamos na luta, protegendo e desfrutando de nossas conquistas e esperando novos e melhores tempos” (Bezerra, 2023, p. 226).

Portanto, compreendo que a formação de professores e professoras em Linguística Aplicada deve ser um ato ético, político e transformador, guiado pela consciência das diferenças e pela busca por justiça social.

RELATO E DISCUSSÃO

A Lei nº 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas de educação básica. Essa legislação é fundamental para garantir que os estudantes tenham acesso a uma formação que reconheça e valorize as contribuições africanas na formação da sociedade brasileira. Na direção desta lei, seu cumprimento é um passo essencial para desconstruir preconceitos e promover uma educação mais justa. A partir disso, foi proposto para a comunidade escolar a 5ª semana

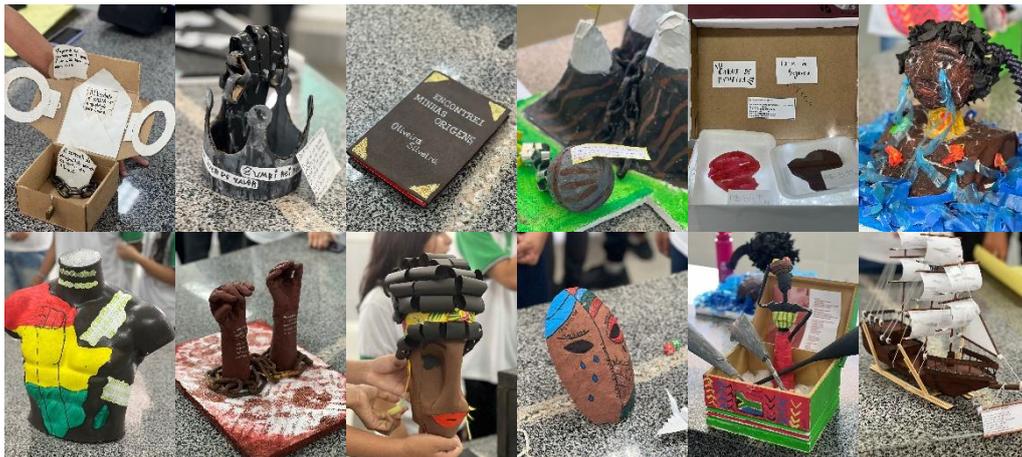


de atividades alusivas à consciência negra, sob o tema “um lugar de fala pra toda a galera do campus Santa Rita”.

No primeiro eixo, apresento as atividades desenvolvidas com as turmas do ensino médio integrado ao longo da Semana da Consciência Negra de 2024. O trabalho envolveu, especificamente, duas turmas de 1º ano do curso técnico em Informática, duas turmas de 2º ano do mesmo curso, uma turma de 3º ano de Informática e uma turma de 3º ano do curso técnico em Meio Ambiente.

Com as turmas da primeira série, propus uma atividade de produção visual inspirada em poemas e letras de canções de temática afro-brasileira ou de autoria negra. A proposta teve como objetivo incentivar os estudantes a dialogar com expressões artísticas que abordam a identidade, a resistência e a valorização da cultura afro-brasileira, articulando literatura, música e artes visuais.

O repertório trabalhado incluiu canções como Olhos Coloridos, de Sandra de Sá, e A Carne, de Elza Soares, além de textos poéticos de relevância histórica e social, como O Navio Negreiro, de Castro Alves, e Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo. A partir desse material, os alunos, organizados em duplas, realizaram uma pesquisa bibliográfica sobre as obras e seus contextos de produção, refletindo sobre as mensagens de resistência, denúncia e afirmação identitária presentes nas letras e nos versos, para criar isso:



Figuras – Adaptações de estudantes da 1ª série do curso de Informática de Santa Rita.
 Fonte: acervo do autor.

Acima, é a culminância, onde os estudantes produziram painéis visuais que representavam, de forma criativa e crítica, as temáticas abordadas nas obras selecionadas. Esses trabalhos foram expostos em diferentes espaços do campus durante a Semana da Consciência Negra, compondo uma mostra artística estudantil aberta à visitação de toda a comunidade escolar. Essa atividade possibilitou não apenas o exercício estético e



interpretativo, mas também um movimento de reconhecimento e valorização da autoria negra na literatura e na música brasileiras.

Com as turmas do segundo ano do ensino médio integrado, propus uma atividade voltada à produção de conteúdo para as redes sociais, especificamente para o Instagram. Os estudantes foram desafiados a criar uma sequência de posts no formato “carrossel”, com o objetivo de divulgar perfis biográficos e aspectos da obra de autores e autoras afro-brasileiros. Entre as personalidades escolhidas, destacaram-se Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Emeicida, Linn da Quebrada, Bicharte, Joel Rufino dos Santos e Djavan, entre outras figuras negras de relevância literária e artística no cenário brasileiro.

A proposta buscou aproximar os estudantes das múltiplas linguagens e mídias contemporâneas, explorando o potencial pedagógico das redes sociais como espaço de construção e compartilhamento de saberes. Para a produção dos materiais, os alunos utilizaram o Canva como ferramenta de design gráfico, o que permitiu desenvolver competências relacionadas à criação visual e à escrita digital.

Os posts foram publicados no perfil @linguagens_ifpb_santarita, criado especialmente para o projeto e administrado por mim, com acesso compartilhado aos líderes de turma para a realização das postagens. Cada grupo ficou responsável tanto pela elaboração do conteúdo visual quanto pela redação das legendas, que passaram por uma etapa de revisão e validação comigo antes da publicação. Esse processo assegurou a adequação linguística e o rigor informativo das postagens, além de favorecer o diálogo entre autonomia discente e orientação docente:



Figuras – Produção de estudantes da 2ª série do curso de Informática de Santa Rita.
Fonte: acervo do autor.

Mais do que uma atividade de produção textual, essa experiência proporcionou um exercício de letramento crítico e racial, permitindo que os estudantes conhecessem, reconhecessem e valorizassem personalidades negras que contribuíram para a arte, a literatura e a cultura brasileira. Ao mesmo tempo, a ação estimulou o uso consciente e

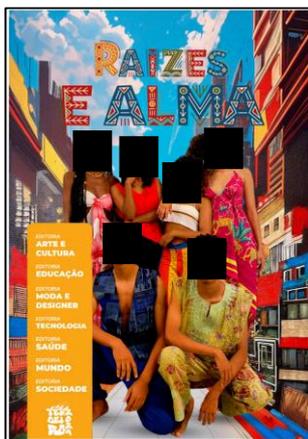


criativo das tecnologias digitais como instrumentos de divulgação científica e cultural, reafirmando o papel da escola na mediação entre cultura, juventude e justiça social.

Com as turmas do terceiro ano, o trabalho ganhou caráter de síntese e aprofundamento, ao propor a produção de dois suportes textuais distintos, ambos com ênfase na autoria, na coletividade e na reflexão crítica sobre as relações étnico-raciais.

A turma de Informática ficou responsável pela criação de uma revista, intitulada Raízes e Alma, cuja construção foi inteiramente coordenada pelos próprios estudantes. A turma organizou-se em diferentes funções editoriais: um aluno atuou como editor-chefe, enquanto outros assumiram papéis de colunistas, repórteres, editores de texto, diagramadores e fotógrafos. Essa divisão de tarefas promoveu o protagonismo discente e o trabalho colaborativo, configurando uma autêntica experiência de produção coletiva de mídia. Assim, a revista apresentou caráter multitemático, abordando a questão racial sob diversas perspectivas — educação, esporte, cultura, arte, globalização e saúde, entre outras —, sempre com orientação e acompanhamento docente. O resultado foi um material que uniu rigor informativo, sensibilidade estética e compromisso social, culminando com o lançamento oficial da revista durante a Semana da Consciência Negra.

Já a turma de Meio Ambiente ficou encarregada da produção de um jornal impresso, elaborado a partir da mesma proposta pedagógica, mas com suporte textual distinto, a fim de evitar qualquer relação de competição entre as turmas. Assim como na revista, os alunos dividiram-se em equipes responsáveis pela editoração, diagramação e produção textual, considerando as especificidades do gênero jornalístico, incluindo charges, perfis biográficos, reportagens, entrevistas e ensaios fotográficos, que exploraram, nos dois suportes textuais, a multiplicidade de linguagens e formatos que caracterizam a comunicação:



Figuras – Produção de estudantes da 3ª série de Informática e Meio Ambiente de Santa Rita.
Fonte: acervo do autor.



Para subsidiar a produção, os estudantes participaram de um workshop de jornalismo ministrado por uma jornalista convidada, que discutiu técnicas de redação, organização editorial e estratégias de apuração de informações. Esse momento formativo antecedeu a produção textual e teve papel fundamental no planejamento, na autonomia criativa e na ampliação do repertório comunicativo dos alunos.

A realização desses projetos revelou o potencial da linguagem como prática social e interacionista, pois mobilizou leitura, escrita, oralidade e trabalho coletivo em um contexto real de comunicação. O uso de recursos tecnológicos e o engajamento dos estudantes em redes de colaboração para a elaboração dos materiais evidenciam a efetivação de uma Linguística Aplicada crítica, situada e comprometida com a transformação do cotidiano escolar. Tais experiências, ao articular teoria e prática, consolidam o espaço da sala de aula como um território de produção de sentidos, conhecimento e resistência.

No que diz respeito às oficinas multidisciplinares, elas foram pensadas em alinhamento tanto com a formação geral quanto com a formação técnica, sendo desenvolvidas em diferentes dias da Semana da Consciência Negra. A proposta previa que as atividades ocorressem, mediante adesão dos docentes, durante os horários regulares das aulas, de modo que cada disciplina pudesse abordar a temática racial a partir de sua especificidade epistemológica.

A proposta pedagógica integra uma perspectiva afrocentrada e antirracista em todas as disciplinas, articulando saberes científicos e tradicionais. Na formação geral, propôs-se uma leitura crítica das áreas do conhecimento: Biologia aborda plantas medicinais e saberes africanos; Educação Física valoriza danças e jogos de matriz africana; Química discute estética, ciência e identidade; História analisa a construção da beleza negra; Arte evidencia referências estéticas afro-brasileiras; Língua Inglesa rompe com o eixo hegemônico EUA–Inglaterra; Física e Filosofia exploram epistemologias e cosmovisões africanas; Geografia trabalha o conceito de diáspora; e Matemática destaca mulheres negras na ciência e a presença africana na arte e nos jogos matemáticos.

Já na formação técnica, propôs-se a aproximação dos conteúdos de Informática e Meio Ambiente das perspectivas decolonial e antirracista: racismo ambiental, decolonialidade na pesquisa, vieses raciais em algoritmos, empreendedorismo negro e justiça ambiental nas comunidades quilombolas e periféricas. O conjunto das ações evidencia o compromisso com uma educação transformadora, que reconhece as contribuições africanas e afro-brasileiras na produção do conhecimento e da cidadania.



Por fim, propus uma oficina de produção textual e artística, centrada no gênero história em quadrinhos, inspirada na obra *O Conto dos Orixás*, de Hugo Canuto. Essa atividade buscou valorizar as narrativas afro-brasileiras e a representação dos orixás, integrando literatura, artes visuais e cultura popular, e reafirmando a importância de práticas educativas que promovam o reconhecimento e o orgulho das identidades negras:



Figuras – Produção de pintura de artes de Canuto em oficina sobre HQ e Orixás.
 Fonte: acervo do autor

Por último, no eixo final do projeto, os estudantes tiveram acesso a diversas práticas culturais e artísticas, compondo um momento de integração entre arte, cultura e educação. Essa etapa buscou aproximar os alunos das múltiplas formas de expressão da identidade afro-brasileira, promovendo vivências estéticas e reflexões sobre pertencimento, ancestralidade e resistência.

Entre as atividades desenvolvidas, destacaram-se as palestras e debates sobre a identidade do cabelo crespo no Brasil, que abordou tanto aspectos históricos quanto midiáticos, discutindo a construção da autoimagem a partir das campanhas publicitárias voltadas para cabelos crespos e cacheados, conversas essas que possibilitaram compreender como o corpo e o cabelo são também símbolos de resistência e afirmação identitária. Outra ação significativa foi a interpretação e análise de personagens negras na mídia, como a advogada Annelise Keating, interpretada por Viola Davis na série *How to Get Away with Murder*, cuja trajetória permitiu discutir temas como representatividade, empoderamento e interseccionalidade. Além disso, houve um momento dedicado à reflexão sobre o pajubá enquanto herança linguística africana incorporada ao português brasileiro, reconhecendo sua importância cultural e política para a linguagem.

Os alunos também participaram de uma oficina de pintura em tecido, ministrada por um artista local conhecido como o “arquiteto de papelão”, profissional reconhecido



por sua atuação em produções artísticas nacionais, como o cenário da abertura da novela *Duas Caras* (Rede Globo). A oficina promoveu a experimentação estética e o diálogo entre arte popular e ancestralidade afro-brasileira, valorizando as produções locais.

O encerramento das atividades contou com uma apresentação de dança e teatro do grupo artístico da comunidade de Santa Rita, que apresentou coreografias e performances inspiradas em ritmos afro-brasileiros. O espetáculo convidou o público à participação direta, promovendo um momento de interação e celebração coletiva entre artistas e estudantes. Por fim, os alunos tiveram contato com uma exposição fotográfica e documental intitulada *Mãe Rita Preta* e o legado do Axé, que reuniu registros visuais e depoimentos sobre a trajetória dessa importante liderança religiosa local. A mostra, produzida por fotógrafos da região, propiciou um mergulho sensível nas expressões da fé, da cultura e da resistência do povo afro-brasileiro, reafirmando o papel da arte como instrumento de memória e valorização das identidades negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre as ações pedagógicas desenvolvidas durante a Semana da Consciência Negra permitiu compreender de que maneira práticas educativas intencionais podem contribuir para a formação crítica dos estudantes e para o fortalecimento de uma docência comprometida com a justiça social. Ao articular ensino, arte e cultura, os três eixos propostos — práticas em sala de aula, oficinas multidisciplinares e ações artístico-culturais — evidenciam que o espaço escolar é também um território político de disputa de sentidos, de afirmação identitária e de produção de conhecimento situado.

Ferreira (2009) destaca que o letramento racial crítico possibilita aos sujeitos reconhecerem como o racismo estrutura as relações sociais e atravessa as práticas educativas, tornando-se, assim, uma via para repensar as formas de ensinar e aprender. Nessa perspectiva, as ações pedagógicas descritas favoreceram que os estudantes não apenas ampliassem seus repertórios culturais, mas também se percebessem como agentes de transformação, capazes de questionar discursos hegemônicos e propor novas leituras do mundo. De modo convergente, Moita Lopes (2009) propõe uma Linguística Aplicada indisciplinar, que entende a linguagem como prática social e aposta na superação das fronteiras entre teoria e prática, entre pesquisa e ação. Essa concepção se concretiza nas experiências vivenciadas durante a Semana da Consciência Negra, ao transformar a escola em um espaço de diálogo, em que saberes acadêmicos e cotidianos se entrelaçam para a construção de uma educação crítica e inclusiva.



Assim, as ações pedagógicas realizadas demonstram que é possível construir, no cotidiano escolar, práticas que promovam a consciência racial, o protagonismo estudantil e a emancipação social. Nesse sentido, o professor se torna não apenas mediador de conteúdos, mas também pesquisador de sua própria prática, comprometido com a transformação das realidades que o cercam. A Semana da Consciência Negra, portanto, deixa de ser apenas uma data comemorativa para se consolidar como um projeto de formação humana.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Fábio Alexandre Silva. **Linguística aplicada transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguística em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar**. Campinas: Pontes Editores, 2023.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 38–51.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: ROCA, R. C. P. P. (org.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Gênero, sexualidade e raça em contexto de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística aplicada na modernidade recente: uma homenagem a Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 227–248.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85–108.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SOUZA-SILVA, André Luiz. Relatando experiências em torno da minha formação como um viado professor-pesquisador. **Anais IX CONEDU...** Campina Grande: Realize, 2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Letramento racial crítico: falta representatividade negra em materiais didáticos e na mídia. Entrevista concedida a Cássio Murilo Lourenço Gomes. **Revista UniLetras**, Ponta Grossa, v. 41, n. 1, p. 1–7, 2019, 2023.

